

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ANDRESSA SOUZA SILVA

CONCEIÇÃO EVARISTO: UM GRITO DE LIBERTAÇÃO E
REPRESENTATIVIDADE NA POESIA NEGRO-FEMININA

GOIÂNIA - GO
2021

ANDRESSA SOUZA SILVA

CONCEIÇÃO EVARISTO: UM GRITO DE LIBERTAÇÃO E
REPRESENTATIVIDADE NA POESIA NEGRO-FEMININA

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de
Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás, como um dos requisitos para a
obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador: Paulo Antônio Vieira Júnior

GOIÂNIA - GO

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANDRESSA SOUZA SILVA

CONCEIÇÃO EVARISTO: UM GRITO DE LIBERTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE
NA POESIA NEGRO-FEMININA

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Aprovada em ____/____/____

Banca examinadora

Nome do orientador/ instituição

Nome do professor/ instituição

Este trabalho é dedicado a minha amada mãe, meu maior exemplo de determinação, força, independência e segurança. Esta pesquisa não seria possível sem seu amor e seu apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Izani Souza, por me preparar para a vida sempre me mostrando que a educação é o melhor caminho, me incentivando a continuar e confiar no meu potencial.

À minha avó que desde minha infância dizia: “estude, minha filha, para você ser professora”.

Ao meu amor, Jorge Armando, por toda paciência, carinho e, principalmente, por acreditar que eu seria capaz quando eu descreditei.

Ao meu irmão, Andrey, por me socorrer em todos os momentos que precisei ao longo deste curso.

À minha sobrinha, Anna Aiumy, por ser uma das maiores inspirações em continuar aprendendo e transferindo conhecimento.

Ao meu professor e orientador Paulo Antônio Vieira Junior, que mudou minha perspectiva dentro do curso me levando a conhecer e me dedicar aos estudos de autoria feminina.

Às minhas colegas de curso, Carolina, Divina, Michelle, em especial à Danielly, por estar sempre ao meu lado nos momentos em que precisei.

Aos meus professores e à coordenação do curso por todo o conhecimento oferecido dentro e fora dos espaços da universidade.

Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio.

Conceição Evaristo

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar, na poesia de Conceição Evaristo, elementos que constituem, através da composição de um contra-poema, ou seja, compõem um contra-discurso, parodiando textos de outros autores, uma forma de trazer voz para aqueles que por muito tempo tiveram suas vozes silenciadas. Por meio da análise de poemas presentes no livro *Poemas da Recordação e outros movimentos*, este trabalho mostra como a autora mineira constitui um processo de libertação da população negra, principalmente de mulheres negras, e representação em sua escrita. Para alcançar tal objetivo a pesquisa foi norteadada por estudos como os de Antonio Candido (1999), Lélia Gonzalez (2018), Octavio Paz (1982), Zilá Bernd (1922) e Grada Kilomba (2019), dentre outros autores e outras autoras.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Poesia negro-feminina. Contra-poema.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. “RECORDAR É PRECISO”: A COMPOSIÇÃO DE UM CONTRA-POEMA COMO FORMA DE (RE)CONTAR A HISTÓRIA NEGRA	13
2. “VOZES-MULHERES”: A REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE DA MULHER NEGRA EM SUA TRIPLA SUBALTERNIZAÇÃO.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Ela [a literatura] nos organiza, nos liberta do caos e portanto humaniza.

Antônio Candido

A literatura, de um modo geral, sempre foi ~~ra~~ um simulacro de suas sociedades, sendo assim, a formação da literatura brasileira foi moldada por homens brancos, pois estes eram o que possuíam maior acesso a cultura letrada, reflexo do processo de colonização de nosso país. ~~C~~eonsequentemente, a literatura brasileira reflete o caráter racista e machista de nossa sociedade. Isso porque, toda a representação de nosso povo, na literatura, foi construída por um sistema excludente que retratava os indivíduos subalternizados de acordo com uma visão outremizada, como nos Grada Kilomba. Ao falarmos sobre indivíduos subalternizados temos como base o conceito de Spivak (2010), que os descreve como “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.” (SPIVAK, 2010,p. 13)

Trazendo essa discussão para o âmbito literário percebemos a profunda defasagem na autorrepresentação que ocorre na produção de autoria negro-feminina.¹ Como já dito anteriormente, a escrita literária nos primórdios de nosso país era, e permanece sendo, majoritariamente, masculina e branca, como podemos notar nas obras literárias aqui produzidas ~~e~~ Tal fator, que lhes permite “imprimir no papel uma imagem pejorativa, destrutiva, corrosiva do escravo e posteriormente do negro livre que lhes eram inferiores socialmente.” (LOBO, 1993, p.171). Quanto à representação da figura feminina, a autora Ruth Silviano Brandão (2004) nos aponta que a mulher se torna um fantasma da criação masculina, um fantasma que adquire comportamentos e padrões estéticos, tendo como base o que é socialmente desejado para as mulheres. Portanto, a mulher negra brasileira, de acordo com os conceitos de Lélia Gonzalez (2018), sofre um processo de tripla exclusão.

Essas exclusões são comumente retratadas nas obras de autoras negras, pois, de acordo com Luísa Lobo, “a opressão racial e sexual se unem a pobreza como principais marcas de ficção feminina” (LOBO, 1993, p.240). Nesse sentido podemos notar que a escrita de autoria feminina negra, em sua maioria, -iráá retratar um cotidiano de exclusões. Sendo esse o caso da

¹ A escolha do termo negro-feminina ocorre devido a constante representação da mulher negra nos poemas de Conceição Evaristo.

escrita de Conceição Evaristo, objeto de estudo desta pesquisa². A autora retrata em suas obras o cotidiano de pessoas negras, mais especificamente de mulheres negras. Esse processo de escrita baseada em uma realidade muito vivenciada por Evaristo é denominado, de acordo com a própria autora, de “escrevivência.” A pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca explica o significado do termo:

O termo foi assumido como uma estratégia que rasura a ordem legitimada pela figura da “Mãe preta” que conta “histórias para adormecer a prole da Casa-grande”. Os sentidos da palavra se adequariam a uma proposta de escrita literária que intenta borrar o imaginário que vê o(a) negro(a) em funções determinadas pelo sistema escravocrata. (FONSECA, 2020, p. 60)

Nesse sentido, podemos notar que a obra de Evaristo inseriu algo muito novo em nosso sistema literário, a autorrepresentação da mulher negra, via estratégia da escrevivência. Djamilia Ribeiro, em sua obra *Quem tem medo do feminismo negro* (2018), nos chama atenção para as diferentes pautas entre o feminismo branco e o feminismo negro. Ribeiro nos mostra que enquanto as primeiras ondas feministas, compostas apenas por mulheres brancas, reivindicavam o direito ao trabalho para uma busca igualitária, por outro lado, no mesmo período histórico, as mulheres negras trabalhavam exaustivamente, mas não tinham direitos, seja em comparação com as mulheres brancas ou com os homens negros. Tendo como base essa visão histórica de lutas feministas, é possível entender a importância de uma corrente feminista que abrange mulheres negras para que essas consigam alcançar seu espaço em áreas que ainda não têm muito acesso, como a literatura.

Com base nos fatos supracitados, de que a literatura funciona como uma maneira de representação da sociedade, é possível perceber a importância da presença de mulheres negras escrevendo sobre seus dilemas, suas vivências e, assim como ocorreu com a literatura de autoria feminina branca, uma literatura que tenha um caráter autorrepresentativo. Como Antonio Candido afirma:

Alterando o conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado nas civilizações. Portanto, assim como não é

² A presente pesquisa teve origem na Iniciação Científica. Resulta de duas ICs desenvolvidas na PUC-Goiás. A primeira, no período 2019-2020, intitulada *Yêda Schmaltz e Hilda Hilst: a poesia erótica de autoria feminina*, procurou destacar como o processo de erotização da escrita permitiu um contato maior da mulher com sua realidade de opressão, por contrariar as regras morais da sociedade androcêntrica, o que conduziu à emancipação através do conhecimento de seu próprio corpo e de suas experiências íntimas. Tal pesquisa despertou o interesse por estudar a poesia negro-feminina, resultando em uma proposta PIBIC-CNPq, no período de agosto de 2020 a agosto de 2021. O estudo, intitulada *Conceição Evaristo: um grito de libertação e representatividade na poesia negro-feminina*, por sua vez, encontrou desdobramentos no TCC e resultou na monografia ora apresentada.

possível haver o equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem [sic] na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e inconsciente. (CANDIDO, 1999, p. 175)

Este trecho do ensaio de Candido nos leva a refletir sobre a importância da literatura em nossas vidas, o pesquisador aponta a capacidade profunda que a literatura tem de humanizar, pois estabelece uma relação de (re)criação de uma realidade. Pensando esse caso em nosso sistema literário, percebemos uma profunda defasagem na questão que retrata a mulher negra, haja vista que sua representação foi moldada por um sistema extremamente excludente, assim como ocorreu com a representação de classes mais baixas de nossa sociedade que só começou a ser notada na década de 1930, quando os escritores passam a retratar a realidade social do Brasil. Sendo assim, a literatura brasileira ~~deixou~~, que pode ser vista como um dos fatores que contribuem para a representação de determinada sociedade, deixou de sensibilizar os leitores sobre os dilemas em torno das mulheres negras, isto é, elas não foram tomadas como sujeitos humanizados. ~~Dificultando~~ ~~Impedindo~~ ~~que se~~ construção de uma democracia racial no país.

Partindo desse ponto de vista, é de suma importância a presença de mulheres negras no ~~campo~~ ~~movimento~~ literário. Uma das grandes representantes desse movimento, Conceição Evaristo, empreende em suas obras a autorrepresentação da mulher negra retratando a subjetividade delas, em obras publicadas nos últimos vinte anos, composta de três livros de contos, dois romances e um livro de poemas, além de publicações avulsas em coletâneas, antologias e nos Cadernos Negros. Diante desses fatos, nosso objeto de pesquisa nesse estudo é o livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), nessa obra notaremos como a escritora consegue retratar suas memórias como forma de resistência e uma maneira de (re)criar essa história que fora apagada.

Segundo os apontamentos de Zilá Bernd (1992), a poesia de autoria negra é baseada em constantes que justificam sua nomenclatura. Representada pela necessidade de ser o enunciador de seu próprio texto, de transformar símbolos de repressão como uma maneira de resistência e força da comunidade negra e de constituir “imagens ora de uma África-mãe, espaço mítico onde se encontram as raízes, ora de uma África violada pelo branco.” (BERND, 1992, p.271). Portanto a literatura negra está pautada no sentimento de representação de vozes provindas de um profundo silenciamento. Todas essas características são encontradas na obra poética de Evaristo. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo buscar os elementos poéticos que quebram com os paradigmas do silenciamento da mulher negra e, ao mesmo tempo, (re)criam

uma identidade literária na poesia de autoria feminina negra, que demonstra a resistência. Ao expressarem sua subjetividade, mulheres negras saem do papel de indivíduos objetificados e superam a naturalização que resultou nos mitos da mãe preta, da rainha do carnaval e da empregada doméstica

Nesse sentido, busco nesta pesquisa destacar traços de resistência na obra de Conceição Evaristo, partindo do pressuposto de que, pelo discurso lírico, a autoria negra constrói a subjetividade que lhe foi negada, atribuindo voz àqueles que são tratados como indivíduos “infantilizados (infans, é aquele não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos)” (GONZALEZ, 2019, p.264). O estudo busca enfatizar como a linguagem poética funciona construindo “o ‘lugar’ de sujeito e não de objeto da história.” (LOBO, 1993, p. 166).

A invisibilidade da comunidade negra se manifesta em diversas áreas sociais, mas devemos destacar a impotência dessas pessoas diante do meio intelectual. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo IBGE no ano de 2018, é estimado que 4 em cada 10 jovens negros não terminam o ensino médio³. Tendo como base esses dados, podemos notar que o baixo acesso a um nível básico de escolarização rompe com futuras oportunidades para a população negra. A situação se torna ainda mais complexa para mulheres negras, que ao alcançarem uma carreira acadêmica não são reconhecidas, pois, socialmente, este não é considerado seu lugar comum, como nos aponta bell hooks:

O conceito ocidental sexista/racista de quem e o que é um intelectual [...] elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar a mulheres negras a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito. (HOOKS, 1995, p.468)

Buscando maneiras de subverter~~Subvertendo~~ esse sistema de exclusões, Conceição Evaristo busca em sua literatura romper com esse paradigma de produção intelectual e cultural centrado no racismo e no patriarcalismo. Dessa forma, de acordo com a própria autora, ela sente uma necessidade de criar um contra-poema/contra-discurso com textos poéticos de autoras e autores já consagrados. Ao mostrar essa característica em seus textos a autora une escritoras e escritores de tradições distintas, conforme se percebe nas composições “Carolina na hora da

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/09/4-em-cada-10-jovens-negros-nao-terminaram-o-ensino-medio.shtml>. Acesso em: 26 de abril de 2021.

estrela”, “Clarice no quarto de despejo”, “No meio do caminho deslizantes águas” e “Recordar é preciso.” Todos esses poemas estão presentes no livro *Poemas da Recordação e outros movimentos*.

Ao criar esse contra-poema, Evaristo nos mostra que a poesia negro-feminina funciona como uma maneira de desconstrução de verdades sociais, além disso, também nos leva a refletir sobre a capacidade de recriação literária baseada em antigos moldes racistas e sexistas. De acordo com Lobo isso ocorre pois “é no eixo desconstrutor, corrosivo, aurático de invenção da palavra que se insinua a melhor poesia negra contemporânea, criando-se a “negricia” versus a negridão/negritude.” (LOBO, p. 183, 1993).

Baseando-nos na citação de Luísa Lobo, podemos notar a importância da criação literária como um processo de representação de mulheres negras, que tem de provar duplamente sua competência no contexto de nossa sociedade machista e racista. A poesia negro-feminina de Evaristo surge como uma maneira de gerar identificação com essa camada subalternizada, além de representar dilemas e sua subjetividade que lhe é negada. Desse modo, compreendemos que a obra de Evaristo contribui, de acordo com as teorias de Candido, para um processo de humanização.

Nesta pesquisa busco demonstrar esses traços na obra *Poemas da recordação e outros movimentos* tendo como suporte as teorias de Octavio Paz (1982), Zilá Bernd (1922), Antonio Candido (1999), Lélia Gonzalez (2018), Grada Kilomba (2019), dentre outros e outras que possibilitam explicar nos capítulos subsequentes como os poemas de Conceição Evaristo geram um aspecto subjetivo para a população negra, resultando em um processo de autorrepresentação capaz de (re)contar as histórias que culminam na possibilidade de superação dos traços racistas e misóginos muito presentes em nossa sociedade.

1. “RECORDAR É PRECISO”: A COMPOSIÇÃO DE UM CONTRA-POEMA COMO FORMA DE (RE)CONTAR A HISTÓRIA NEGRA

solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que, emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança
Conceição Evaristo

Ao adentrarmos nos estudos da poesia percebemos que seu surgimento acontece antes mesmo do advento da escrita. Há muitos anos as composições poéticas ocorriam no seio de rodas de cantigas em que os textos poéticos eram cantados e performados. Mesmo nesse período pré-escrita é possível notar que o principal elemento poético sempre fora a palavra.

Uma das mais importantes designações para o estudo poético é a linguagem, que funciona como um meio de representação do pensamento do poeta e nos mostra sua forma de interpretar o mundo. Como nos afirma Octavio Paz:

A ciência verifica uma crença comum a todos os poetas de todos os tempos: a linguagem é poesia em estado natural. Cada palavra ou grupo de palavras é uma metáfora. E, desse modo, é um instrumento mágico, isto é, algo susceptível de transformar em outra coisa e de transmutar aquilo em que a toca. (PAZ, 1982, p. 41)

Tendo como base esta afirmação de Paz, podemos notar que a linguagem poética se constitui como uma maneira de criar ou recriar uma realidade de acordo com a visão individual do poeta. Isso ocorre, principalmente na produção poética moderna, por meio de duas principais maneiras: “uma profunda afirmação dos valores mágicos; de outro, uma vocação revolucionária” (PAZ, 1982, p. 44). É neste segundo aspecto citado por Paz que nos atentaremos para a análise de alguns poemas de Conceição Evaristo, pois seus textos poéticos visam recontar uma história apagada pelo patriarcalismo branco. A poesia de Evaristo transforma “os termos de uma velha relação, de modo que não seja a existência histórica que determine a consciência, mas o inverso.” (PAZ, 1982, p.44). Desse modo, a vivência pessoal da mulher negra, que experienciou a exclusão e a objetificação, ~~se~~ insurge-se contra essa realidade histórica.

Ainda com foco nessa vocação revolucionária tratada por Paz (1982), podemos notar que a revolução ocorre no texto de Conceição Evaristo como uma maneira de reivindicar os direitos daqueles que sempre tiveram suas vozes caladas e suas histórias e dores contados por pessoas que não vivenciaram esta realidade, desta maneira, podemos notar na poética de

Evaristo que sua escrita funciona como “um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.” (CANDIDO, 1999, p. 188)

Diante desses apontamentos, podemos notar como o processo de toda a criação literária de Evaristo é atribuída, de acordo com a própria autora, de escrevivência, a qual se baseia em sua memória que traz em si traços de um cotidiano de exclusão da população negra, tendo como foco a mulher negra, brasileira e periférica. Como diz a própria autora:

A ideia de Escrevivência talvez possa trazer algo novo para a teoria da literatura pensar. Parece-me que o conceito de autoficção, de escrita de si, de narrativas do eu, e até de ego-história, quando um historiador resolve, por meio do aparato da ciência que ele conhece, narrar a sua vida, como sujeito histórico, como sujeito da história de seu tempo, o conceito de Escrevivência pode ser pensado por parâmetros diferentes dos colocados para pensar as categorias citadas anteriormente. (EVARISTO, 2020, p. 38)

Essas características serão encontradas nas produções de Evaristo que trazem um forte caráter de denúncia e representatividade, em seu livro *Poemas da recordação e outros movimentos* a autora utiliza uma linguagem poética, principalmente por meio da composição de um contra-poema⁴, buscando por meio de um processo parodístico construir um poema contra discursivo capaz de questionar e apontar os problemas vivenciados pela população negra-

Um dos recursos de linguagem utilizados por Evaristo para a composição de seus poemas está na necessidade da criação de um discurso que, baseado na literatura de outros autores, aborda e reformula a história da população afrodescendente como tema central de seus textos. Buscando empreender um contra-discurso, a autora traz em seus poemas paródias de textos poéticos como: “Navegar é preciso”, de Fernando Pessoa, “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, e de narrativas como: *A hora da estrela*, de Clarice Lispector e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.

A escrita poética de Conceição Evaristo tem como base fundamental a memória. Essa dimensão memorialística é evidenciada por Evaristo desde o título do livro que é nosso objeto de pesquisa *Poemas da recordação e outros movimentos*. Emil Staiger (1977, p. 91) nota que o poeta lírico recorda, e que esta recordação é “uma volta ao seio materno, no sentido de que tudo ressurgue naquele estado pretérito do qual emergimos”. O livro de Evaristo, portanto, propõe retornar às memórias de forma retrospectiva e prospectiva. Revisitar o passado por uma

⁴ Termo utilizado por Conceição Evaristo em entrevista para descrever um de suas formas de compor poemas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=1255s>.

perspectiva pessoal, subjetiva, para reformular a visão sobre ele a partir do ponto de vista de quem o experienciou.

Para entender como essa memória altera grandes composições, podemos pensar, de acordo com a teoria de Linda Hutcheon, que a paródia funciona como uma maneira “de se chegar em acordo com os textos desse rico e temível legado do passado” (HUTCHEON, 1989, p.15). A autora ainda acrescenta que a paródia moderna está calcada em uma ironia perante a sociedade, ou seja, tem como objetivo ironizar ou até mesmo ridicularizar os princípios sociais que são representados nos textos parodiados. Zilá Bernd acrescenta que a utilização da paródia está ligada à ressignificação de símbolos.

O resgate operado no nível dos referentes históricos efetua-se paralelamente no nível da representação simbólica. O princípio ordenador é o mesmo: a reversão, sendo a palavra de ordem pôr o mundo às avessas. Daí a prática usual dos procedimentos da paródia e da carnavalização. (BERND, 1992, p. 272)

Esse resgate será bastante perceptível nos poemas de Evaristo que empreende uma busca de textos literários já consagrados para parodiá-los, reconfigurando e (re)contando histórias que antes foram registradas por somente uma ótica, formulando assim, uma crítica aos modelos racista e sexista de nossa sociedade. Esse é o caso do texto “Recordar é preciso”:

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas lembranças
dos meu marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente naufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.
(EVARISTO, 2017, p. 11)

Este texto de abertura da obra de Evaristo, evidencia os fenômenos citados anteriormente. Na composição que parodia o texto de Fernando Pessoa notamos como a utilização da paródia ressignifica um tema muito comum para o poeta português, as águas. Nos primeiros versos do poema notamos como a autora empreende um retorno às memórias através da metáfora das águas remetendo-se ao período em que os indivíduos que seriam escravizados foram trazidos para o Brasil. Neste percurso apontado por Evaristo é notável que as origens

negras ligadas a este passado foram apagadas. Abdias Nascimento nos mostra como esse problema se perpetua até os dias atuais:

Quando e onde a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Quando há referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra. (NASCIMENTO, 1978, p.95 apud GONZALEZ)

O sétimo verso “Sou eternamente naufraga,” (EVARISTO, 2017, p.11) nos traz dois traços importantes para a construção de sentido do texto. O primeiro é a revelação de um eu lírico feminino, traço característico na escrita de Evaristo que busca representar essa camada social triplamente silenciada; o segundo traço está na demonstração de uma repetição desse afogamento que causou o esquecimento, refletido pelo silenciamento imposto sobre a população negra. Os versos seguintes do poema buscam demonstrar que a solução para este problema está calcada na paixão por retornar às suas raízes e que esta volta ao seio de sua mãe-África empreende uma busca por melhores condições de vida. Em tempo, faz-se necessário retomar a composição de Fernando Pessoa para assinalar as semelhanças e as diferenças em relação ao poema de Evaristo:

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".
Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.
(PESSOA, p.41, 2010)

Com a leitura do poema de Fernando Pessoa e Conceição Evaristo é possível percebermos como ambos possuem elementos comuns e contraditórios, evidenciando o processo

de paródia. O texto de Evaristo assim como o de Pessoa possui como base as águas, nesse ponto de encontro já nos é possível identificar o primeiro contraponto, enquanto o poeta português utiliza a água como uma maneira de expressar a glória de seu país, porque mediou a conquista e a colonização, Evaristo demonstra que esse elemento é uma maneira de encontrar forças para continuar suas lutas, pois o mar foi o mediador da diáspora negra. Percebe-se um caráter profundamente nacionalista assumido por Fernando Pessoa, que entra em contraponto com o poema de Conceição Evaristo, que busca ressaltar como africanos fizeram parte da construção do nosso país e foram desumanizadas a partir do deslocamento pelo mar. A autora destaca ainda que tal violência foi silenciada, apagada e esquecida, por isso é preciso recordá-la no processo de superação dos traumas do racismo.

Assim como no poema anterior de Evaristo, outro texto que parodia e faz referência às águas é o poema “No meio do caminho: águas deslizantes”, este com dedicatória “Ao Drummond, com licença, pois sei das pedras e também das águas das Gerais” (EVARISTO, 2017 p.101). A autora formula uma paródia, do conhecido texto de Carlos Drummond de Andrade, “No meio do caminho”:

Da advertência de Carlos
faço mouco meus ouvidos
e sigo com lágrimas-águas
contornando a tamanha
extensão da pedra.
E tantas são as deslizantes águas
E são tantas as águas deslizantes
E deslizantes são as tantas águas
E águas, as deslizantes, são tantas
que nas bordas da áspera rocha,
encontro um escorregadio
limo-caminho. Tenho passagem.
Sigo a Senhora das Águas Serenas,
a Senhora dos Prantos Profundos.
Sigo os passos, passo a passo
e fundo outro caminho.
(EVARISTO, 2017, p. 101)

Neste poema, Evaristo faz um contraponto em relação à pedra no meio do caminho de Drummond com suas lágrimas-águas. Do sexto verso até o nono Conceição Evaristo acrescenta, mais uma vez, o elemento água aos conhecidos versos drummondianos:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra

no meio do caminho tinha uma pedra.
(ANDRADE, 2002, p. 267).

Como podemos notar, o eu lírico de Evaristo declara não ouvir os anúncios de Drummond a respeito das pedras que se encontram no meio do caminho, mas preconiza que as contorna com suas lágrimas, nas quais encontra força para ultrapassar a pedra, por um caminho escorregadio que através das águas encontra passagem para enfrentar os obstáculos. A água é tratada no texto numa referência ao mito de Oxum que representa, na mitologia iorubá emancipação feminina alcançada através do pranto e das águas. Ao buscar essas referências de origem africana, Evaristo reforça o sentido de uma literatura baseada no seio materno, representado por África. Dessa forma, a autora enfatiza que a realidade negra, sobretudo da mulher negra, possui mais empecilhos, porém ainda há maneiras de se resistir às mazelas, como é demonstrado na estrofe final da composição de Evaristo.

Sigo os passos.
Passo a passo.
Sigo e passo.
As águas passam
e as pedras ficam
(EVARISTO, 2017, p. 101-102)

No poema de Drummond, o eu lírico do texto não busca uma solução para escapar das pedras no meio do caminho, já no texto de Conceição Evaristo notamos que o eu lírico encontra a solução, como no poema “Recordar é preciso”, nas águas que escorregam entre as pedras até que estas não sejam um empecilho.

A teórica Linda Hutcheon aponta que “a transcontextualização irônica é o que distingue a paródia da pastiche ou da imitação” (HUTCHEON, 1989, p.24). Esse traço está presente no poema de Evaristo no momento em que a situação retratada por Drummond é trazida para o texto ressignificado da autora, para um contexto que mostra a realidade subjetiva da população negra, que mais do que pedras no caminho encontra “tamanho pedra”, mas que não desistiu de “escorregar” por entre ela.

Outra composição de Evaristo que envereda pela formulação parodística e que traz os traços apontados por Hutcheon, é o texto “Pedra, pau, espinho e grade” que tem em si, assim como o poema anterior, as tentativas de superação de um problema em meio à memória que surge carregada de uma profunda dor.

“No meio do caminho tinha uma pedra”,

mas a ousada esperança
 de quem marcha cordilheiras
 triturando todas as pedras
 da primeira à derradeira
 de quem banha a vida toda
 no unguento da coragem
 e da luta cotidiana
 faz do sumo beberagem
 topa a pedra-pesadelo
 é ali que faz parada
 para o salto e não o recuo
 não estanca os seus sonhos
 lá fundo da memória,
 pedra, pau, espinho e grade
 são da vida desafio.
 E se cai, nunca se perdem
 os seus sonhos esparramados
 adubam a vida, multiplicam
 são motivos de viagem.
 (EVARISTO, 2017, p.60)

Este texto já se inicia com o conhecido verso de Drummond: “No meio do caminho tinha uma pedra” um pouco mais adiante a autora irá nos mostrar como as mazelas sofridas, e que ainda se perpetuam no caminho da população negra, atuam como a pedra no referido verso do poeta mineiro, acrescentando elementos que fizeram parte das terríveis torturas que os sujeitos de cor foram submetidos durante a escravidão no Brasil e, ainda, depois dela.

Como forma de resistir a essas violências, a autora traz elementos de esperança que são vistos pelo eu lírico como uma ousadia diante do cenário de exclusão em que a população negra ainda se encontra. Mas essa ousada esperança está calcada na resistência que, infelizmente, a população negra teve que enfrentar para se manter viva até os dias atuais, como nos confirma a pesquisa realizada pelo IPEA de 2020⁵, mostrando que 75,7% das vítimas de homicídios no Brasil são pessoas negras.

Assim como Evaristo denuncia a violência sofrida pela população negra, a autora se encarrega de denunciar outras formas de repressão vivenciadas por essas pessoas. Uma destas é a fome. Assim como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo traz em seus textos muitos relatos pertinentes a esta situação, isso ocorre no texto em que Conceição Evaristo parodia Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector.

No meio da noite
 Carolina corta a hora da estrela.
 Nos laços de sua família um nó

⁵ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>

- a fome.
 José Carlos masca chicletes.
 No aniversário, Vera Eunice desiste
 do par de sapatos,
 quero um par de óculos escuros.
 João José na via-crucis do corpo,
 um sopro de vida no instante-quase
 a extinguir seus jovens dias.
 E lá se vai Carolina
 com os olhos fundos,
 macabeando todas as dores do mundo...
 Na hora da estrela, Clarice nem sabe
 que uma mulher cata letras e escreve:
 “De dia tenho sono e de noite poesia”
 (EVARISTO, 2017, p. 93)

Como podemos notar o primeiro aspecto a ser exposto no poema está relacionado com a fome, tema muito recorrente nos textos de Conceição Evaristo, também presente no conto “Olhos d’água”:

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. (EVARISTO, 2019, p. 16-17)

Nesse trecho notamos como a fome se transforma em uma das formas de escravidão que a população negra ainda sofre no Brasil. No poema “Carolina na hora da estrela” é possível perceber nos versos iniciais que Evaristo retira Carolina Maria de Jesus da favela e a coloca no cenário em que Macabéa vive em *A hora da estrela*, mas mesmo nesse mundo fantasioso Carolina Maria de Jesus não é capaz de esquecer o problema que mais lhe causou dores em toda sua vida, a fome.

Os últimos versos do poema continuam reforçando a junção das duas obras, acrescentando o nome de Macabéa, personagem de *A hora da estrela*, que é transcrito por Evaristo como um verbo, este termo, baseado nas características da personagem de Lispector, pode ser entendido como uma maneira de se buscar uma solução fantasiosa para um problema real e assolador como a fome. O último verso do poema nos revela que assim como Macabéa cria em sua imaginação uma realidade alheia a seus problemas, Carolina Maria de Jesus encontra na poesia, na escrita uma maneira de sobreviver a sua realidade.

Outra composição de Evaristo baseada nos mesmos textos é “Clarice no quarto de despejo”, em que os papéis do poema anterior se invertem e Lispector se encontra dentro do quarto de despejo, como se houvesse uma continuação do poema anterior.

No meio do dia
 Clarice entreabre o quarto de despejo
 pela fresta percebe uma mulher.
 Onde estivestes de noite, Carolina?
 Macabeando minhas agonias, Clarice.
 Um amargor pra além da fome e do frio,
 da bica e do boca em sua secura.
 De mim, escrevo não só a penúria do pão,
 cravo no lixo da vida, o desespero,
 uma gastura de não caber no peito,
 e nem no papel.
 Mas ninguém me lê, Clarice,
 para além do resto.
 Ninguém decifra em mim
 a única escassez da qual não padeço,
 - a solidão.

E ajustando o seu par de luvas claríssimas
 Clarice futuca um imaginário lixo
 e pensa para Carolina:
 “a casa poderia ser ao menos de alvenaria”
 e anseia ser Bitita inventando um diário.
 Páginas de jejum de saciedade sobejam.
 A fome nem em pedaços
 alimenta a escrita clariceana.

Clarice no quarto de despejo
 lê a outra, lê Carolina,
 a que na cópia das palavras,
 faz de si a própria inventiva.
 Clarice lê:
 “despejo e desejos”.
 (EVARISTO, 2017, p.94-95)

Observamos nos primeiros versos Clarice adentrando a casa de Carolina na favela. A partir deste momento se inicia um diálogo entre as duas escritoras. Nesta conversa é possível notar como mais uma vez o termo “macabeando” aparece retratando a escrita de Carolina Maria de Jesus, que do mesmo modo como Macabea inventava sua própria realidade para fugir de suas mazelas, para a autora Carolina Maria de Jesus a escrita exercia esse papel. Notamos também como Clarice Lispector reconhece a importância e a singularidade da literatura composta por Carolina Maria de Jesus.

No final da primeira estrofe surge Carolina Maria de Jesus revelando que a sua escrita, que retrata a realidade de todos os moradores da favela, não desperta o interesse e não é lida por

ninguém. E mais uma vez temos uma referência à desvalorização e a falta de importância que é dada à literatura produzida por indivíduos marginalizados em nossa sociedade. Contrapondo com as ideias do pesquisador Antonio Candido, que afirma que a literatura é uma das maneiras de se constituir a educação em uma sociedade, vale a pena destacar que:

Neste sentido, ela (a literatura) pode ter importância equivalente à das formas conscientes de incultamento intencional, comum a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e a atuação deles. (CANDIDO, 1999, p. 175)

O crítico ainda reforça que:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como um equipamento intelectual e afetivo [...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia. Apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1999, p. 175)

Os trechos do texto de Candido expõem mais uma vez, como a literatura possui um papel transformador em uma sociedade. Notamos no poema transcrito que umas das críticas compreendidas por Evaristo está relacionada à maneira como o acesso à literatura é negada para a população negra, seja o acesso à leitura ou à escrita que é capaz de colocar o indivíduo no centro de sua história. Bem como, as demais formas de cultura letrada.

De acordo com Alfredo Bosi a forma de escrita utilizada por Carolina Maria de Jesus pode ser definida como uma escrita de resistência, pois mesmo diante de todas as dificuldades de aceitação de sua obra ela não desiste. Bosi argumenta que resistência é não desistir e que a escrita dos excluídos traz algo complexo, uma resistência, sobretudo por torná-lo sujeito do processo simbólico.

A crítica sociológica, estimulada pelo assunto da exclusão e da marginalidade, deve, portanto, acautelar-se quando enfrenta escritos ficcionais. A mente ideologizante abstrai e reduz as diferenças na medida em que procede à força de esquemas e tipos. Mas as vozes narrativas, quando vivas e densas, reclamam a atenção para o que é complexo, logo singular. De resto, quem garante que o chamado homem[sic] simples seja tão simples assim? (BOSI, 2002, p. 259)

A última estrofe mostra Lispector tendo acesso ao diário de Carolina Maria de Jesus e percebendo como o texto da referida autora revela a necessidade dos favelados em vários

aspectos, reforça o aspecto destacado por Bosi. Além da profunda e minuciosa descrição feita por esta da favela, denominada como quarto de despejo, gerando o título do livro. É possível perceber também nesses dois poemas que fazem relação entre Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector como Evaristo percebe duas tradições literárias distintas e as une.

[A] condição sociocultural diverge substancialmente das escritoras brasileiras oriundas do Existencialismo e influenciadas por Clarice Lispector, porque elas (as escritoras) são “o Outro”, pois expressam “uma verdade que só uma pessoa da classe operária ou de atividade terciária (serviços) poderia expressar, por conhecê-la de dentro” (LOBO, 1993, p.252). As escritoras operárias, empregadas domésticas que foram, distinguem-se, portanto, devido à “fidedignidade referencial do documento” literário por elas produzido. (ARAÚJO; VIEIRA JÚNIOR, 2020, p. 77)

Notamos que a poesia de Conceição Evaristo, que retrata os sentimentos de indivíduos negros diante de suas vivências, apreende o existencialismo presente nas obras de autoras já consagradas como Clarice Lispector ao mesmo tempo que retrata a realidade vivenciadas por mulheres negras em todas as formas de exclusão que sofrem, como é o caso da obra de Carolina Maria de Jesus.

2. “VOZES-MULHERES”: A REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE DA MULHER NEGRA EM SUA TRIPLA SUBALTERNIZAÇÃO

Ao reivindicar nossa diferença enquanto mulheres negras, enquanto amefricanas, sabemos bem o quanto trazemos em nós as marcas da exploração econômica e da subordinação racial e sexual.

Lélia Gonzalez

Assim como o surgimento da poesia, que se inicia antes do advento da palavra escrita, a literatura de Conceição Evaristo também se inicia antes de sua produção escrita. Em constates relatos a autora revela que sua escrita vem do cotidiano, de sua convivência, principalmente, com mulheres negras, e como mulher negra, sua escrita possui muitos traços dessas vivências. A autora demonstra como esse processo está relacionado com suas experiências:

Creio que a escolha das palavras certas está relacionada, ou parte mesmo, da subjetividade e também da experiência com a linguagem que a escritora, o escritor têm. A minha linguagem literária é fruto da minha subjetividade, que é formada na vivência, na experiência de várias condições. (EVARISTO, 2020, p.36)

Com base nesses dados podemos perceber que a escrita poética de Evaristo está intimamente relacionada com sua realidade, buscando retratar nesse processo de escrita a vida da mulher negra e suas vivências, evidenciando o processo de interseccionalidade, ou seja, a tripla exclusão nos âmbitos de classe, cor e gênero. Os poemas de Evaristo visam retratar que mesmo com a abolição da escravatura a população negra ainda é submetida a outros tipos de violências, que podem ser percebidas, por exemplo, no processo de exclusão do ensino como já fora citado anteriormente. Um dos textos que revela claramente esta face é o poema “Vozes-Mulheres”. Neste texto Conceição Evaristo irá retratar justamente como a herança do período escravista ainda se perpetua na lógica brasileira.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias

debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida liberdade.
(EVARISTO, 2017, p.24-25)

O poema se inicia com a exposição da chegada da bisavó do eu lírico, trazida para o Brasil por meio dos navios negreiros. Já temos nessa primeira estrofe o prenúncio do sofrimento de nossa população que, como perceberemos ao longo do poema, irá se perpetuar por muito tempo, haja vista, que nossa sociedade contemporânea continua colocando à margem a população negra. Os últimos versos desta estrofe revelam justamente a passagem da herança da escravização ao longo dos anos, já que iremos tratar de uma infância que se perdeu, esta infância será revelada no verso seguinte como a voz da avó do eu lírico. Esse dado em relação à voz da avó representa o que Grada Kilomba (2019) denomina de trauma colonial, pois parte da noção de que “o passado torna-se, de fato, inatingível; pois cotidiana e abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, são parte de um presente irracional” (KILOMBA, 2019, p. 215). Notamos a presença do referido trauma no poema “Vozes-mulheres” a partir da perpetuação da escravidão da população negra, mesmo que com novas roupagens.

Outro poema que também retrata a questão do tráfico de escravos para o Brasil, e que se vincula desde o título ao poema de Conceição Evaristo, é o texto “Vozes d’África”, de Castro Alves. Nesse poema o autor nos traz também a voz daqueles indivíduos subalternizados vindos de África.

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
 Em meio das areias esgarrada,
 Perdida marcho em vão!
 Si choro... bebe o pranto a areia ardente;
 Talvez...P'ra que meu pranto, ó Deus clemente!
 Não descubras no chão!

E nem tenho uma sombra de floresta
 Para cobrir-me, nem um templo resta
 No sólo abraçador...
 Quando subo as pyramides do Egypto,
 Embalde aos quatro céos chorando grito:
 Abriga-me, Senhor!...

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
 Vello a cabeça no areial que volve
 O sirôco feroz...
 Quando eu passe no Sáhara amortilhada ...
 Ai! dizem: la vae a África embuçada
 No seu branco albornoiz,
 (ALVES, 1981, p. 4-5)

Como podemos notar os dois textos tornam evidente claro que as vozes negras estão totalmente submetidas à colonização branca, que era dona de todos os bens dispostos à sociedade. No poema de Castro Alves é retratado que mesmo com gritos de súplica as vozes não são escutadas, até mesmo por Deus, que parece ignorar os sofrimentos da população negra e estar surdo para os clamores da voz lírica. A situação de silenciamento ainda se reflete em nossa sociedade atual como nos aponta Grada Kilomba ao relatar como o conhecimento, que funciona como a chave para a libertação, ainda é pautado por um ideal colonizador.

Na escola, lembro de crianças *brancas* sentadas na frente, enquanto as crianças *negras* se sentavam atrás. De nós, dos fundos da sala, era exigido que escrevêssemos as mesmas palavras das crianças da frente “porque somos todos iguais”, dizia a professora. Nos pediam para ler sobre a época dos “descobrimientos portugueses”, embora não nos lembrássemos de termos sido descobertas/os. Pediam que escrevêssemos sobre o grande legado da colonização, embora só pudéssemos lembrar do roubo e da humilhação. E nos pediam que não perguntássemos sobre nossos heróis e heroínas da África, porque elas/eles eram terroristas e rebeldes. (KILOMBA, 2019, p.65).

O poema “Vozes- mulheres” nos revela como esse processo de exploração vai passando de geração à geração, acompanhado de um apagamento da história negra e/ou da história de África e afrodescendentes. Na terceira estrofe, que representa a mãe do eu lírico, é possível notar duas importantes denúncias, a primeira está na demonstração de como o trabalho

doméstico é associado à mulher negra. A respeito deste tema a pesquisadora Lélia Gonzalez nos mostra como este processo de segregação ocorre.

Enquanto seu homem é objeto de perseguição, repressão e violência policiais (para o *cidadão* negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela [a mulher negra] se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da “inferioridade” que lhe seriam peculiares. É tudo isto acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar. (GONZALEZ, 2018, p. 44 e 45, grifos da autora)

Já a segunda denúncia aparece nos versos finais da estrofe que revela o local de moradia da referida mulher, o caminho empoeirado que a leva até a favela nos mostra mais uma forma de subordinação sofrida pela mulher negra, a econômica. De acordo com Lélia Gonzalez isto ocorre porque as “novas perspectivas foram abertas nos setores burocráticos de mais baixo nível, que se feminizaram” (GONZALEZ, 2018, p.43), enquanto as mulheres negras, em sua maioria, não são contratadas para estes cargos, pois

O contato com o público exige “educação” e “boa aparência”. Quanto à maioria de mulheres negras que, nos dias de hoje, atingiram mais altos índices de escolaridade, o que se observa é que, apesar de sua capacitação, a seleção racial se mantém. [...] Quando nos anúncios de jornais, seção de oferta de emprego, surgem expressões tais que “boa aparência”, “ótima aparência”, etc., já se sabe seu significado: que não se apresentem candidatas negras, não serão admitidas. (GONZALEZ, 2018, p. 44)

Esse fator nos leva a refletir que:

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão. (GONZALEZ, 2018, p.44)

Até o presente momento é possível notar que essa composição de Evaristo vem demonstrando como as formas de repressão à população negra, principalmente em relação às mulheres negras, foram se perpetuando ao longo dos anos, esta é a principal diferença entre os poemas de Evaristo e de Castro Alves. O foco da autora mineira está na autorrepresentação, além disso, como é possível notar na última estrofe, a autora expressa a subjetividade da mulher negra como meio de libertação. Além de contrapor as vozes do poema de Castro Alves ao

retratar que as futuras gerações conseguirão alcançar uma liberdade plena ao agarrar-se na memória da revolta silenciosa de gerações anteriores.

Finalmente a voz do eu lírico retrata os problemas mais atuais em relação à fome e à violência. Nesta estrofe é possível encontrar o sujeito negro com a possibilidade de fala, este ato se torna possível por meio do uso da poesia, revelando a emergência de um eu enunciator como nos aponta Zilá Bernd.

[...] A importância para o negro, do exercício da produção literária que representa, no limite, a busca da própria existência, que é reafirmada no ato de enunciação poética. Logo, é através do texto literário que se realiza a sua transmutação de objeto para sujeito. Na medida em que o poeta está interessado neste ressurgimento, não apenas para si próprio, mas para o grupo ao qual se sente ligado e do qual se torna o porta-voz privilegiado, a distância entre o *eu* (sujeito enunciator) e o *tu* (sujeito destinatário) se reduz, recriando a unidade de *nós*. (BERND, 1992, p. 270)

Essa unificação entre o eu e nós se encontra muito bem representada nesse poema de Evaristo, percebemos até o momento que o alcance dessa voz se torna capaz de denunciar a situação da população negra, o que dependeu das lutas que se iniciaram há três gerações, e, como nos revela o verso seguinte, continuará se valendo dessa história para entender e quebrar este ciclo de violência.

A estrofe de encerramento do poema irá tratar mais profundamente da fusão de vozes. provindas de muitas gerações, como uma forma de alcançar a liberdade plena em relação às amarras que prendem a mulher negra nesse paradigma de tripla exclusão. O eu lírico do texto aponta que a futura geração, representada por sua filha, será capaz de algo que ainda não ocorreu, a junção da fala e do ato. Este novo dado apontado pelo eu lírico irá resultar em vida finalmente liberta.

Como já fora citado, os textos de Conceição Evaristo se baseiam muito na necessidade de retratar suas vivências e experiências ~~como~~ enquanto mulher negra. O poema “Vozes-mulheres” nos mostrou a passagem do período escravagista de geração à geração, já o poema “Fêmea- fênix”, que será nosso próximo objeto de análise, nos traz um caráter mais subjetivo da mulher negra que tenta, em nossa sociedade atual, se conectar com suas origens que foram apagadas, buscando criar uma identidade autêntica.

Navego-me eu-mulher e não temo,
sei da falsa maciez das águas
e quando o receio
me busca, não temo o medo,

sei que posso me deslizar
 nas pedras e me sair ilesa,
 com o corpo marcado pelo odor
 da lama.
 (EVARISTO, 2017, p. 28)

Muito comumente nos textos de Evaristo notamos a presença de metáforas relacionadas às águas, este é um desses casos. O primeiro verso do poema já nos revela como a água se torna uma forma de conhecer a si e faz referência à história das origens africanas, que se perderam durante o tráfico de sujeitos escravizados. Os versos seguintes revelam como o navegar nessas águas se desenvolve a partir da comunicação com o passado, na constituição deste versos torna-se perceptível uma representação de Nanã, deusa do barro na mitologia africana, convocada para demonstrar o corpo feminino negro como fruto de uma história e pensante, já que Nanã é considerada uma matriarca de grande sabedoria. Também é notável nesses versos que ao navegar nas águas de si o eu lírico revela a busca por um autoconhecimento que só será alcançado por meio do resgate das histórias de África que foram perdidas no mar, buscando reconstituir “uma história própria até aqui massacrada” (LOBO, 1993, p.213). Esse traço demonstrado por Lobo reconhece que o poema (re)constrói uma subjetividade que é negada a pessoas negras, pois a constituição da mulher negra não sai de si, mas parte de uma construção social sobre ela.

Abraso-me eu-mulher e não temo,
 sei do inebriante calor da queima
 e, quando o temor
 me visita, não temo o receio,
 sei que posso me lançar ao fogo
 e da fogueira me sair inunda,
 com o corpo ameigado pelo odor
 da chama.
 (EVARISTO, 2017, p.28)

A segunda estrofe do poema se inicia com um elemento contraditório ao verso anterior, enquanto na primeira estrofe o eu lírico busca se conhecer através das águas, nesta estrofe a busca pelo conhecimento de si está pautada no fogo. Ao passo que os primeiros versos se contrapõem, os últimos se completam, pois ao se lançar ao fogo o eu lírico sai inundada, completa e solidificada, nos trazendo mais uma vez a imagem de Nanã, que, rival de Ogum, proibiu instrumentos de metal no seu culto; além disso, a imagem final do poema remonta à versão do mito que explica que “Naná deu a porção de lama a Oxalá” para que ele pudesse criar a humanidade (PRANDI, 2001, p. 196). A voz lírica repete o gesto de Nanã e (re)cria a si

mesma e afirma sua humanidade. É notável nesses versos como o eu lírico faz uma junção dos dois elementos para organizar uma busca mais profunda em torno de sua própria identidade. Este traço é destacado por Octávio Paz que relaciona a criação da linguagem com a necessidade de criar a si. “O homem [sic] é um ser que se criou ao criar uma linguagem. Pela palavra, o homem [sic] é metáfora de si mesmo.” (PAZ, 1982, p. 42). Na sequência o poema diz:

Deserto-me eu-mulher e não temo,
sei do cativante vazio da miragem,
e quando o pavor
em mim aloja, não temo o medo,
sei que posso me fundir ao só
e em solo ressurgir inteira
com o corpo banhado pelo suor
da faina.
(EVARISTO, 2017, p.28-29)

Continuando nessa estratégia de uma aproximação de si, a terceira estrofe terá como tema a solidão, há uma necessidade de estar em si e consigo para conseguir de fato encontrar completude. Notamos nos primeiros versos da referida estrofe a quebra de um paradigma social que muitas vezes liga a necessidade de um relacionamento para se ter uma completude e é muitas vezes retratado na literatura. Como uma autora que busca empreender uma libertação feminina, Evaristo busca destacar na composição de seu poema traços que vão contra essa necessidade de se enquadrar no padrão socialmente construído em torno de como as mulheres devem se comportar, como é possível notar nos versos supracitados e nos seguintes:

Vivifico-me eu-mulher e teimo,
na vital carícia de meu cio,
na cálida coragem de meu corpo,
no infindo laço da vida,
que jaz em mim
e renasce flor fecunda.
Vivifico-me eu-mulher.
Fêmea. Fênix. Eu fecundo.
(EVARISTO, 2017, p. 29)

A estrofe final do poema traz, pela primeira vez, o elemento vida. É notório que o verbo viver aparece aqui após as várias tentativas de encontrar-se. Esta última estrofe também nos revela que o ponto de encontro do eu lírico consigo é realizado através da sua capacidade de renascer em si, descobrindo os prazeres de seu corpo, e de renascer como outro corpo o que rompe a dicotomia entre corpo e mente, tornando assim o corpo pensante e como uma maneira de resistir à outremização. Além disso, o texto também faz referência à maternidade. De acordo

com Lúcia Castelo Branco a escrita que traz referências à maternidade, ao nascer em outras formas, é um traço muito característico da autoria feminina.

Essa fala do útero, da origem, me leva a pensar que talvez estejamos mesmo diante de uma linguagem específica, pulsante não exatamente por sua veia romântica, mas sobretudo por se cristalizar, como afirma Beatrice Didier (1981, p.37) “escrita de Dentro: do interior do corpo, do interior da casa. Escrita do retorno ao Dentro, nostalgia da mãe e do mar.” (BRANCO, 2004, p.29)

Tal observação nos levar a entender um pouco melhor toda a relação de Conceição Evaristo com o passado e a necessidade de se voltar e referenciar os laços de maternidade, trazendo vozes em seus poemas que irão retornar à mãe, à avó e às tias para a composição de sua própria história. Este processo ocorre de forma semelhante nos poemas “Fêmea-fênix” e “Vozes mulheres.”

Já citamos anteriormente como as mulheres negras sofrem um processo de tripla subalternização em nossa sociedade, estes processos geram diferentes tipos de violências [a](#) que elas estão sendo submetidas, uma dessas formas está presente nos poemas de Evaristo, a solidão que muitas vezes é criada, como nos aponta Lélia González (2018), pelo mito da mulata, que é vista somente como um objeto de satisfação dos desejos masculinos.

O poema “Medo das dores do parto” retrata claramente essa forma de violência que ocorre na cena de um parto em que o eu lírico irá tratar toda a questão de como o abandono da mulher negra, e neste caso de seu filho, é algo recorrente.

Quando a enfermeira,
uma bela mulher, entrou
no quarto de parturiente,
sua imagem era de tanto fulgor,
que parecia ser ela a mulher
que havia parido e abrilhantado
o mundo.

A recém-parida, se contorcendo
em dores, lastimou a barriga vazia,
desejando uma eterna prenhez,
Era chegada a hora de ofertar
o rebento ao pai.

E quando a bela enfermeira
Depositou sobre o colo da mãe,
o seu filho em pedaços,
mutilado dos pés
e dos membros do abraço,

o pai, por um ínfimo instante,
 olhou para o colo da mulher
 e depois com desejo e gula
 buscou o olhar da enfermeira.
 (EVARISTO, 2017,p.116-117)

A primeira imagem que nos surge é a entrada da enfermeira no quarto, o tom prosaico desse trecho enfatiza os traços da referida enfermeira e como ela é vista de um modo que reflete a felicidade de uma mãe. A estrofe seguinte serve como um contraponto a esta afirmação de uma plenitude após o parto.

Os primeiros versos da segunda estrofe nos revelam que a mãe da criança sentia-se melhor quando o filho ainda estava em seu ventre. Também é possível notar uma inversão de papéis, a escolha do termo recém-parida informa o nascimento de uma mãe que agora sente em si o vazio de não mais carregar seu fruto no ventre. Os versos seguintes trarão a imagem do pai e os referidos versos retratam uma realidade muito comum. Notemos o uso do termo ofertar, o uso da palavra sugere que o pai tem a possibilidade de não aceitar aquele filho, fato recorrente já que, no Brasil, de acordo com censo demográfico de 2010⁶, 37,7 % das mães, e sua maioria negras, chefiam suas famílias sozinhas. Os últimos versos da terceira estrofe confirmam os dados supracitados, o pai não aceita o filho e abandona a mãe. O abandono será reforçado na estrofe seguinte.

E ali mesmo, no desesperado
 instante de mulher sozinha,
 aconchegada ao amado filho
 pequeno e faltante de corpo,
 ela vivenciou mais uma vez
 a certeza de um abandono
 e vaticinou um certo amanhã
 para a bela enfermeira
 com o pai do menino.
 (EVARISTO, 2017, p.117)

De acordo com Beatriz Nascimento (2019, p. 268) a mulher negra é vista como uma mulher “mais erótica ou mais ardente sexualmente que as demais, crenças relacionadas às características de seu físico, muitas vezes exuberante.” Essa visão sexualizada da mulher negra lhe impõe um limite nas relações amorosas sendo fadada somente ao destino do corpo que satisfaz os desejos masculinos. Tal visão provém do período escravagista em que a mulher

⁶ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-15,-16,55,-17,-18,128&ind=4704>

negra fora violentada sexualmente e isto era considerado algo comum entre as famílias brancas, como nos aponta Grada Kilomba:

Historicamente, as mulheres *negras* têm tido essa função de serem corpos sexualizados e reprodutores de trabalhadoras/es (Collins, 2000; hooks, 1981;1992) isto é, tem a função tanto de amantes como de mães. Durante a escravização, as mulheres *negras* foram sexualmente exploradas para criar os filhos. (KILOMBA, 2019, p. 141, grifos da autora)

Kilomba ainda acrescenta como esse papel da mãe negra tem atuado como mais uma forma de repressão.

Essa imagem da mulher *negra* como “mãe” vem servindo como um controle de “raça”, gênero e sexualidade. É uma imagem controladora que confina mulheres negras à função de serventes maternas, justificando sua subordinação e exploração econômica. (KIMLOBA, 2019, p. 142, grifos da autora)

A última estrofe do poema confirma como a voz lírica ~~de poema~~ está presa nesses paradigmas, na violência patriarcal. É notável nesse poema de Evaristo como a autora retrata todas as formas de exclusões sofridas pela mulher negra em nossa sociedade contemporânea, pautada em princípios machistas, racistas e sexistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio

da poesia penetra.
Conceição Evaristo

Tendo como objetivo trabalhar os poemas de Conceição Evaristo presentes no livro *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2017) busquei ressaltar como a autora demonstra em sua literatura traços de subjetividade, representação e libertação para a população negra alcançados através do advento da escrita. No decorrer dessa pesquisa foram destacados poemas vinculados a uma longa tradição literária que excluiu indivíduos negros do centro de sua história, retratando a exclusão dessas pessoas, principalmente, em relação à mulher negra.

Uma das formas mais utilizadas por Conceição Evaristo para evidenciar tais fatos é a composição de um contra-poema, que conforme apontado ao longo, usa recursos da paródia para reformular outros textos literários, transformando-os em poemas que retrate a história, por meio da autorrepresentação, da população negra. Sendo assim, a autora compõem um contra-discurso que contesta o racismo e o sexismo presente em nossa sociedade.

De acordo com Grada Kilomba o racismo e o sexismo são constituídos como uma forma de repressão que é socialmente construída e se encontra genderizada como um padrão em nossa sociedade. A autora aponta que uma das maneiras mais fortes de se alcançar uma libertação dessas amarras é por meio da produção cultural, pois “imagens “positivas” e não “idealizadas”, da *negritude* criadas pelo próprio povo negro, na literatura e na cultura visual, podem desmantelar essa alienação” (KILOMBA, 2019, p. 154)

A obra poética de Conceição Evaristo traz os referidos traços de autorrepresentação, sendo assim, a autora demonstra como a literatura funciona como um veículo de fala extremamente importante para uma camada subalternizada e, com base na teoria de Candido, como a literatura desempenha uma função humanizadora ao assumir voz e representação àqueles que as tiveram negadas. Desta forma, a poesia de Conceição Evaristo é vinculada a um discurso libertador, pois em seus textos a autora compõe um contra-discurso capaz de confrontar a realidade da população negra no Brasil, tornando-os assim sujeitos de seu próprio discurso.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. *Cântico do Calvário*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1981.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

ARAÚJO, Cardoso Roselene, VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. O lugar de fala da mulher negra em Olhos D'água, de Conceição Evaristo. *Trama*, Paraná, v.16, n.38, p.75-88, 2020. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/24210/15819><http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/24210/15819>. Acesso: 04/06/2021.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BERND, Zilá. *Literatura Negra*. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 267 – 275.

BRANCO, Lúcia Castelo; BRANDÃO, Ruth Santiago. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

CANDIDO, Antonio. *O direito a literatura*. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1995 p. 171 – 193.

CHAKRAVORTY, Spivak Gayatri. *Pode o Subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Ocupação Conceição Evaristo - Escrivivência*. Itacultural, 2016. Disponível em: <https://www.itacultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso em: 03 de setembro de 2020.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'águas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo|Escrivivência*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=1255s>. Acesso em: 04 de outubro de 2020.

EVARISTO, Conceição. *A escrivivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância L., NUNES, Isabella R. (Org.) *Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020.

FONSECA, M.N.S. *Escrivivência: sentidos em construção*. In: DUARTE, Constância L., NUNES, Isabella R. (Org.) *Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: UPCA Editora, 2018.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org.) *Pensamento feminista brasileiro*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 261-278.

HOOKS, Bell. *Intelectuais Negras*. Periódicos UFSC, N° 2/95. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 22 de setembro de 2020.

Formatado: Fonte parágr. padrão, Fonte: (Padrão)
+Corpo (Calibri), 11 pt

Formatado: Fonte parágr. padrão, Fonte: (Padrão)
+Corpo (Calibri), 11 pt

HUTCHEN, Linda. *Uma teoria da paródia*. São Paulo: Edições 70, 1989.

KILOMBA, Grada. *Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOBO, Luísa. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

NASCIMENTO, Beatriz. *A mulher negra e o amor*. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org.) *Pensamento feminista brasileiro*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 265-268.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Famalicão: Centro Atlântico, 2010.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do Feminismo Negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.